

## Reflexões sobre a pesquisa em Educação Física: aproximações com a fenomenologia e a etnografia

*Reflections on research in Physical Education: approaches to phenomenology and ethnography*

 Daiana Machado<sup>1</sup>  Thiago Villa Lobos Mantovani<sup>2</sup>  Isabel Filgueiras<sup>2</sup>  Elisabete dos Santo Freire<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), Marechal Cândido Rondon, Brasil

<sup>2</sup> Universidade São Judas Tadeu (USJT), São Paulo, Brasil

### HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 06 dezembro 2022

Revisado: 23 maio 2023

Aprovado: 23 maio 2023

### PALAVRAS-CHAVE:

Educação Física; Fenomenologia;  
Etnografia.

### KEYWORDS:

Physical Education;  
Phenomenology; Ethnography.

### PUBLICADO:

30 junho 2023

### RESUMO

**INTRODUÇÃO:** Pensar as vertentes epistemológicas que subsidiam os diferentes olhares para a Educação Física e como ela se estabelece para embasar diferentes pesquisas dentro do campo teórico, é de fundamental relevância na pós-graduação. Assim o objetivo do presente ensaio foi analisar e compreender como as bases epistemológicas da fenomenologia e etnografia tem influenciado nas pesquisas em Educação Física, especialmente na afirmação de um novo paradigma de ciência.

**DESENVOLVIMENTO:** Para isso, utilizamos como método uma revisão bibliográfica em artigos, textos e livros que discutem as diferentes bases epistemológicas perpassando pela origem e características da ciência positivista até os novos paradigmas de pesquisa. Os resultados sinalizam para um olhar social da compreensão dos fenômenos buscando um novo paradigma de ciência, pós-abissal e que considere saberes alternativos.

**CONCLUSÃO:** Conclui-se que a fenomenologia e a etnografia são abordagens que olham e se inserem a partir da cultura e que as contribuições para a Educação Física sinalizam para um olhar social da compreensão dos fenômenos possível de se estabelecer um novo paradigma de ciência, pós-abissal que considere saberes alternativos compreendendo a nossa sociedade atual em suas múltiplas dimensões.

### ABSTRACT

**BACKGROUND:** Thinking about the epistemological aspects that subsidize the different looks at Physical Education and how it establishes itself to base different researches within the theoretical field, is of fundamental relevance in postgraduate studies. Thus, the objective of this essay was to analyze and understand how the epistemological bases of phenomenology and ethnography have influenced research in Physical Education, especially in the affirmation of a new paradigm of science.

**DEVELOPMENT:** For this, we used as a method a bibliographical review of articles, texts and books that discuss the different epistemological bases going through the origin and characteristics of positivist science to the new research paradigms. The results point to a social perspective of understanding the phenomena, seeking a new paradigm of science, post-abysal and that considers alternative knowledge.

**CONCLUSION:** It is concluded that phenomenology and ethnography are approaches that look at and are inserted from the point of view of culture and that the contributions to Physical Education point to a social look at the understanding of the phenomena possible to establish a new paradigm of science, post-abysal that consider alternative knowledge understanding our current society in its multiple dimensions.

## INTRODUÇÃO

Tem tanta linha que a gente “inventô” [...] linhas reais ou imaginárias (várias) linhas inúteis, tão necessárias [...]

INQUÉRITO e Boaventura de Sousa Santos | Linha Abissal

Pensar as vertentes epistemológicas que subsidiam a produção de conhecimento e as práticas pedagógicas da Educação Física é de fundamental relevância para a área, pois permite a tomada de consciência de princípios e procedimentos que historicamente marcaram a pesquisa nesse campo.

Embora a produção do conhecimento na Educação Física, ainda sofra com o enfoque de pesquisas centradas no positivismo, nas últimas décadas temos visto crescer o número de pesquisadores que buscam suporte em outras perspectivas de ciência para investigar seus temas e objetos de pesquisa. Entre essas diferentes perspectivas estão a fenomenologia e a etnografia, que têm como alicerce correntes teóricas distintas, mas que têm como elemento comum, o questionamento da racionalidade técnica como única possibilidade de produzir conhecimentos científicos, buscando superar a concepção de ciência clássica pautada no método instrumental.

As primeiras pesquisas fenomenológicas realizadas na Educação Física brasileira começaram a ser produzidas durante a década de 1980, durante o momento em que a área buscava construir sua identidade acadêmica, com o crescimento no número de mestres e doutores que realizavam suas dissertações e teses nos primeiros programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* brasileiros, em programas já consolidados em outras áreas de pesquisa no país ou ainda em programas internacionais. Moreira (1990) é um dos precursores na pesquisa fenomenológica na Educação Física, desenvolvendo a tese intitulada “Educação Física Escolar: Uma abordagem fenomenológica”, que deu origem ao livro de mesmo nome. O autor também merece destaque por ter sido responsável pela orientação de diversos pesquisadores e pesquisadoras que desenvolveram estudos ancorados na Fenomenologia, fundamentadas principalmente nas obras de Merleau-Ponty.

Já a pesquisa etnográfica começa a inspirar estudos da Educação Física durante a década de 1990 (MOLINA NETO, 2010) especialmente aqueles desenvolvidos por autores que buscaram o suporte na Antropologia para conhecer e interpretar as relações entre educação física, esporte e lazer com a cultura. Desde então, muitas investigações científicas vêm sendo desenvolvidas na área, a partir da aproximação com a perspectiva etnográfica.

Compreender como a fenomenologia e a etnografia têm orientado as pesquisas desenvolvidas na Educação Física pode nos permitir conhecer a construção epistemológica da área. Assim, o presente texto tem origem na seguinte questão de pesquisa: Como fenomenologia e etnografia têm influenciado o desenvolvimento da pesquisa na Educação Física? Na tentativa de responder esta pergunta, o objetivo do presente ensaio foi refletir sobre como as bases epistemológicas da fenomenologia e etnografia têm influenciado a produção de pesquisas em Educação Física.

No século XIX é possível verificar um cenário de liberdade de pensamento e em que a ciência deve explicar todos os fenômenos, sejam eles culturais, físicos ou sociais.

Nesse contexto, pensadores da sociologia e da filosofia da ciência estabelecem um novo olhar para a produção de conhecimento pelo método científico. Fruto de novas estruturas sociais, do crescimento e das relações de trabalho vigentes naquele contexto, era necessária uma nova maneira ou um novo modo de pensar o mundo, surgindo um paradigma de ciência contemporâneo.

Essa breve contextualização se faz necessária para articularmos a discussão que é foco desse ensaio. Tanto os estudos pautados na fenomenologia quanto os etnográficos apresentam uma crítica ao positivismo contemporâneo.

## CORRENTE EPISTEMOLOGICA FENOMENOLÓGICA

A primeira corrente a estudarmos será a fenomenologia. Utilizaremos os estudos fenomenológicos a partir da compreensão husserliana, introduzida por Edmundo Husserl (1859-1938).

Fenômeno diz do que se mostra na intuição ou percepção e logos diz do articulado nos atos da consciência em cujo processo organizador a linguagem está presente, tanto como estrutura, quanto como possibilidade de comunicação e, em consequência, de retenção em produtos culturais postos à disposição no mundo-vida (BICUDO; PAULO, 2011, p. 29-30).

A fenomenologia trata de “descrever, não de explicar nem de analisar” esse “mundo-vida” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Assim como Merleau-Ponty, entendemos que a fenomenologia sinaliza para uma postura metodológica, um modo de compreender e observar um determinado fenômeno. Bicudo (2020) expõe em seu texto compreensões acerca dos dados, percepção, subjetividade, intersubjetividade, objetividade, temas esses que se entrelaçam quando se busca compreensão para o método fenomenológico, especialmente na Educação Física. Para isso a autora olha para a importância da descrição, modos possíveis de registrá-la e de analisá-la. Ocupando-se de compreender como o conhecimento é construído no mundo. Não se trata de explicar o mundo, antes o fenômeno que toma o interesse do pesquisador.

A pesquisa fenomenológica é considerada rigorosa e radical, possuindo dois momentos básicos: epoché, “quando põe o fenômeno em suspensão, destacando o dos demais co-presentes ao campo perceptual do pesquisador” e redução, “quando descreve o visto, seleciona as partes da descrição consideradas essenciais ao fenômeno” (BICUDO, 1994, p. 20). E, assim, com esses recursos, a fenomenologia tenta cumprir ao que se propõe: voltar-se às coisas mesmas.

Corroborando a essa exposição os autores Mondini, Paulo e Macrosky (2018).

O voltar às coisas mesmas, significa retornar ao experienciado, ao real e ao vivido, ao que é próprio do humano. Nesse sentido, a Fenomenologia se mostra apropriada à pesquisa na área da Educação, pois considera o ser humano ontologicamente em sua subjetividade (MONDINI; PAULO; MACROSKY, 2018, p.4).

Ao olhar para o fenômeno, Husserl não só enfrentou as questões que ali foram surgindo como também colocou o próprio método em investigação. Apenas para recordarmos, o próprio autor busca saber da “constituição do obje-

to matemático e do mundo pelo qual esse objeto permanece inteligível em sua objetualidade ao longo da história de povos e culturas” (BICUDO, 2020, p. 32).

Não levemos a ideia falsa de que a fenomenologia propõe um método fechado, a replicável, como propõem as abordagens positivistas. Não há um método fenomenológico, antes, como afirma Bicudo (2020) tem-se procedimentos pautados na “filosofia fenomenológica” (uma atitude de ser e de pesquisar).

Olhemos para as quatro categorias na compreensão da fenomenologia: o dado, a percepção, a intersubjetividade e a objetividade do mundo. Muito se fala em dado obtido, coletado, analisado. Mas vamos a compreensão do dado a fenomenologia. Aqui não podemos designar o dado como sendo o objeto, pois, epistemologicamente o objeto é também uma “construção da epistemologia, descrito pela ciência, que o define”. Na ciência positivista esse objeto é entendido como o objetivo e por vezes separado do sujeito.

A Fenomenologia entende o dado como o que chega ao sujeito que, de modo atento, olha para algo querendo saber do se trata. Esse algo poderia ser visto como a “coisa”, que nos escapa ao conhecimento, mas que se doa aos nossos sentidos, em seus modos de doação (BICUDO, 2020, p. 36).

Aqui podemos adentrar ao conceito de percepção o que os autores chamam de corpo encarnado, corpo vivente e corpo próprio. Esse dado é um fenômeno, como o objetivo e por vezes separado do sujeito.

“Fenômeno” é o que se mostra no ato de perceber ou de intuir. É correlato a quem percebe ou intui. Este que percebe ou intui realiza esses atos de acordo com suas especificidades. Por exemplo, uma pessoa que não distingue cores, não pode intuir a vermelhidão do vermelho; ou uma pessoa que não sente sensações táteis, não pode sentir a frialdade do gelo. Por seu lado, o fenômeno se doa em seus modos de doação. Naquilo que ele é: na sua dureza, frialdade, luminosidade etc. (BICUDO, 2020, p. 35).

O que se distingue e caracteriza a fenomenologia é “a coisa” dada ao sujeito de modo intencional, não sendo possível ao objetivamente dado. É necessário a observação (atitude fenomenológica) como comenta Bicudo (2020) com base em Moura (1989).

[...] que é exposta de modo pleno nas Meditações Cartesianas. Diz que a coisa: “a) não está além de sua manifestação e, portanto, ela é dependente da consciência; b) a consciência não é parte ou região de um campo mais amplo, mas é ela mesma um todo absoluto não dependente e que nada tem fora de si (MOURA, 1989, p. 170).

O dado é trazido nas sensações e nas percepções do corpo vivente. E essa percepção só é possível a partir de um ato do sujeito. O sujeito, entretanto, não é abstrato, embora seja dotado de subjetividade e observe o mundo com a partir de suas próprias vivências como “corpo-vivente”. Para a fenomenologia, o que é percebido pelo sujeito está sempre enlaçado pela intencionalidade inerente à subjetividade. Portanto, é na percepção que compreendemos o pensar fenomenológico.

Há sensações sentidas no e pelo corpo-vivente e que lhe chegam pelos órgãos dos sentidos: tato, visão, olfato,

paladar, audição. Sensações essas que se entrelaçam no dinamismo e na funcionalidade do organismo vivo e vão configurando indícios da coisa (do fenomenal) que assim lhe chega. Husserl se refere a essas sensações como experiências concretas por se tratar de afetações sensoriais (BICUDO, 2020, p. 39).

Maria Aparecida Bicudo (2020) nos convida, a partir de realizar esse movimento de subjetividade (dimensões da linguagem e dos sentidos e percepções do corpo vivente), a pensar na intersubjetividade.

“Como o sentido do outro se forma em mim?” Husserl descreve o modo pelo qual percebe as próprias vivências, as do eu mesmo, consciente de si e de suas ações, bem como experiência o mundo e nele o outro. Bicudo (2020, p. 42-43):

Em todo o caso, portanto, em mim, no quadro de minha vida de consciência transcendentalmente reduzida, tenho a experiência do mundo, incluindo os outros, e, segundo o sentido da experiência, não como formação sintética da minha privada, por assim dizer, mas antes como um mundo que me é alheio, como um mundo intersubjetivo, como sendo para qualquer um, como um mundo acessível para qualquer um nos seus objetos. E, contudo, cada um tem as suas experiências [...] (HUSSERL, p. 133, s/d).

Como saber do modo pelo qual o outro sente, raciocina, compreende o que não é ele mesmo, se a consciência do outro não me é dada originalmente? Pela expressão do que sente e compreende. Ou seja, pela linguagem. Assim, intropatia e linguagem são constitutivas da intersubjetividade. Isso mostra o sentido que o mundo intersubjetivo faz para o sujeito, sendo constituído pelos atos que vivencia em seu corpo-vivente.

Os autores Almeida, Bracht e Ghidetti (2013) sinalizam também para alguns problemas a analisar a produção de trabalhos fenomenológicos. Os autores entendem que apesar de recente tradição (década de 1990) os estudos nessa vertente filosófica anteriores podem não ser identificados como pesquisas, tecnicamente, fenomenológicas. Os mesmos autores citados acima, ancorados em trabalhos como de Souza e Silva (1990, 1997), Moreira (1991), Kunz e Nobrega (1990) (apud ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013) entendem que a fenomenologia nunca esteve em primeiro plano, como condução das reflexões. Essa dificuldade de compreensão e utilização, vão se justificar no que já demonstramos no texto, a ciência clássica em vigor.

Betti (2006) mesmo olhando e trabalhando para a fenomenologia apresentou em seus escritos algumas limitações como a dificuldade em transportar o método fenomenológico da filosofia para a pesquisa empírica e a dificuldade com a questão axiológica, que inexoravelmente se apresenta aos fenômenos de caráter educativo (ALMEIDA; BRACHT; GHIDETTI, 2013. p. 11).

Como pesquisadores e educadores que somos, o rigor e o olhar atento precisa ser sempre priorizados. Isso é reforçado pela fala de Surdi e Kunz (2010), que mencionam “a Fenomenologia critica a ciência moderna, por simplificar a realidade através de um método de verificação e ignorar o mundo da vida das pessoas” (KUNZ, 2010, p. 265).

Questões como essa descrita por Bicudo (2020) foram também denunciadas pelos autores Folle, Boscatto e Bianchini (2008), que identificaram que há equívocos no que tangem a conceitos e características, confundindo métodos

naturalistas com a base epistemológica. Esses autores também observaram que é necessária uma nova forma de compreender o mundo. Os autores ainda sinalizam para a relevância e contribuição das pesquisas fenomenológicas voltadas ao movimento humano, onde levam em consideração a intencionalidade, sentido e significado.

No trabalho acima citado os autores observaram que os entrevistados têm dificuldade em conceituar a fenomenologia, muitas vezes por desconsiderar as quatro características expressas por Bicudo (2020). Os autores constatarem que há uma ampliação e construção do referencial teórico nesse campo. Sempre tendo como obstáculo as teses naturalistas que estão nas ciências atualmente. Na Educação Física, muitas pesquisas de cunho fenomenológico buscam se opor a pesquisas fragmentadas e mecânicas.

Um dos problemas que os professores entrevistados relataram está, intimamente, ligado ao fato de alguns pesquisadores utilizarem o enfoque fenomenológico nas pesquisas de cunho empírico-analítico, produzindo inúmeros equívocos epistemológicos. A Fenomenologia deve ser encarada como uma atitude de ver o mundo, na qual sujeito e objeto mantêm uma relação recíproca (FOLLE; BOSCATTO; BIANCHI, 2008, p. 5).

Os autores entendem que não é possível compreender alguns fenômenos da Educação Física por abordagens teóricas reducionistas que “se mantêm atreladas a uma única visão de ciência”.

As relações entre Fenomenologia e Educação Física são enriquecidas quando mantêm seu foco sobre o movimento humano, destacando a plenitude das vivências de movimentos, considerando o sujeito que se movimenta carregado de intencionalidade, sentido e significado. Neste sentido, pode-se afirmar que a Fenomenologia contribui para que a Educação Física auxilie na formação de sujeitos autônomos e conscientes no seu “se-movimentar” (FOLLE; BOSCATTO; BIANCHI, 2008, p. 5).

Há consenso entre os autores Bicudo (2020), Gonçalves e Trindade (2016) que é necessária uma diferença na abordagem da compreensão do mundo, uma ruptura com o paradigma positivista, com profunda transformação na produção de ciência. Essa ruptura se dá no modelo clássico, generalista e universalizante de pesquisa que “pretensamente separado pesquisador e pesquisado” (GONÇALVES; TRINDADE, 2016) “uma lei geral a partir da observação de casos particulares e da constatação da sua regularidade” (TOURINHO, 2010, p. 386).

Para a fenomenologia, assim, o que haveria é um saber eidético do mundo, isto é, um saber a partir das e pelas essências. Estas entendidas não como fundamentalmente estanques, mas como elementos invariantes das experiências (BICUDO, 2010).

Creswell (2010) e Bogdan e Biklen (2006) apresentam oito tópicos para caracterizar uma abordagem qualitativa: ocorre em ambiente natural; pesquisador como instrumento fundamental; múltiplas formas de validar as fontes de dados; análise indutivas; o foco parte do significado apreendido no campo; o projeto se altera com o andar da pesquisa; os pesquisadores usam métodos para enxergar seus estudos; a pesquisa qualitativa é uma forma interpretativa do que se enxerga, se ouve e se entende (GONÇALVES; TRINDADE, 2016).

Esse método que é filosófico e científico está preocupado mais com os sentidos, significações da consciência, afastando-se de teorias e conceitos dogmáticos, prontos e limitados.

Gonçalves e Trindade (2016) finalizam o texto apresentando uma ótima analogia. Os autores citam os desenhos de Antoine de Saint-Exupéry (autor conhecido pelo livro *O Pequeno Príncipe*) que ao apresentar seus desenhos, cada pessoa os interpretava e tomava diferentes significados. Isso muito provavelmente pela visão de mundo. Outro bom exemplo da fenomenologia é a criança e sua compreensão do mundo. Carmo (2004) demonstra que a experiência da criança anterior ao pensar e perceber o mundo a sua volta é o que ela chamou de “mundo pré-reflexivo”. Esse mundo o qual é na sua consciência, sem interferências de pré-juízos ou pré-conceitos.

A fenomenologia permite que pensemos a Educação Física na perspectiva de humanização das relações, atribuindo significado as “coisas mesmas”, por meio do saber eidético, experienciando o mundo (de cada um) das práticas corporais na sua totalidade. Pautado nesses pressupostos cabe a nós, repensarmos nossa postura didático pedagógico. Esse repensar na fenomenologia diz respeito a uma atitude que se volta “as experiências vividas” e toma consciência da trajetória.

## FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO FÍSICA

Ter a área biológica, biomecânica, fisiológica e psicomotora como base a discussão das ciências, métodos, nos leva por muito tempo a uma análise de causa e efeito, fortalecendo o “paradigma empírico-analítico” (SURDI; KUNZ, 2010). Graças aos avanços nas pesquisas e o fortalecimento de campos teóricos como a fenomenologia, fica claro que, a exemplo da Educação Física, o movimento humano não é algo reduzido e puramente físico, pré-estabelecido. Antes pode ser observado no campo da cultura, na ampliação de discussões sociais, antropológicas, considerando a individualidade de cada sujeito, suas intenções.

A pesquisa de Surdi e Kunz (2010) apresentam os dois paradigmas do movimento humano estabelecidos por Hildebrandt (2001), sendo um deles pautado nas ciências naturais. Fensterseifer (2001) vai justamente criticar esse paradigma, entendendo que esse limita o entendimento de homem e de movimento.

As ciências naturais limitaram o entendimento do homem e de seu corpo. Retiraram dele toda a possibilidade para compreender as dimensões sociais (prático-moral) e subjetivas (estético-expressiva), que caracterizam o lado humano do homem. O homem perdeu sua historicidade e foi reduzido a um objeto anátomo-fisiológico. Homem este, alienado pelo sistema capitalista, obedecendo à ideologia burguesa que o desloca das suas reais e necessárias relações sociais (ALTHUSSER, p. 9, 1980). Pata Surdi e Kunz (2010, p. 268) é justamente na interpretação do movimento pela ótica puramente técnica que Kunz (1991) entende um problema. Muitas das vezes reproduzimos movimentos, padronizamos, especializando e instrumentalizando, desconsiderando as dimensões sociais, subjetivas, enfim o saber eidético. Um bom exemplo aqui é quando uma criança está executando uma maneira de lançamento de uma bola. Nossa primeira atitude como professor é corri-

gi-la, mostrar a maneira técnica correta, sem observar ou entender o movimento que essa criança está executando. São justamente esse caráter adestrador que se torna uma limitação ao paradigma.

Certo padrão de movimento não pode conceber, ou ainda abarcar, todas as possibilidades da individualidade humana. O que deve acontecer é exatamente o inverso, quem deve se adaptar não é o ser humano ao padrão, mas sim o padrão que deve sofrer alterações para que o ser humano possa se expressar significativamente e criar novas possibilidades. O padrão deve ser construído pelo ser humano, para que este consiga ser o fim de seu movimento intencional (SURDI; KUNZ, 2010, p. 270)

O segundo paradigma observado por Hildebrandt (2001), o da visão fenomenológica, “o movimento se torna a linguagem do homem” (p. 270). A exemplo aqui podemos citar como cada criança pode agir quando da resolução de um problema. Certamente cada criança irá responder a partir de suas experiências, de sua leitura desse mundo que ela já é capaz de interpretar.

O ponto forte da fenomenologia é justamente o combate ao dualismo, a compreensão de um corpo que não é o próprio sujeito e não externo. O sujeito é um ser que vive e sente primeiramente, para depois ser um ser que conhece (SURDI; KUNZ, p. 273).

Não se trata de formar pessoas que se conheçam melhor, apenas, mas de formar gente consciente de que jamais conhecerá tudo de si, pois isso consiste em conhecer a humanidade e o mundo. É imprescindível desencadear um processo de conhecimento de si através dos valores humanos encontrados em cada indivíduo, possibilitando condições para que cada aluno e aluna encontrem, por suas referências internas e não apenas do mundo exterior o dos outros, o que ele ou ela de fato são em relação ao mundo, aos outros e a si próprio (KUNZ, 1994, p. 5).

Franco e Mendes (2015) fazem o seguinte questionamento: se o corpo como objeto de estudo ultrapassa diversas áreas do conhecimento, por que o considerar apenas numa perspectiva orgânica?

Possivelmente essa resposta esteja pautada no estabelecimento da ciência clássica, positivista, a qual como já vimos nos textos até aqui elencados que o que não se podia explicar no positivismo físico matemático era ignorado, excluído ou aleijado. Então, sendo o corpo um multi universo de sensações e percepções, foi por muito tempo visto, estudado, analisado ou compreendido pelo viés que era aceito para a compreensão.

Outra possibilidade está relacionada ao fato de a ciência na perspectiva orgânica ser “mais rápida” de ser produzida do que uma ciência com perspectivas fenomenológicas, que carecem de relação entre o pesquisador e os sujeitos, tempo para diálogo e análise, entre tantos outros momentos, levando assim a um elemento confirmatório da alienação da produção científica objetivada na produtividade numérica.

Nosso caso específico, da Educação Física, refletir sobre a historicidade da temática do corpo, sobre o fenômeno da educação, sobre a relação entre professor, aluno e conhecimento poderá nos encaminhar para mudanças sociais e culturais que evidenciam o corpo (FRANCO; MENDES, 2015, p. 214).

## CORRENTE EPISTEMOLÓGICA ETNOGRÁFICA

A prática da etnografia tem sua origem na Antropologia nos fins dos anos XIX, quando Bronislaw Malinowski e Franz Boas decidiram ir a campo e não apenas observar, mas viver entre povos nativos de uma tribo, tomando notas de hábitos, formas de trabalho, sobrevivência, organização social etc., onde tudo isso era tomado de significado, sentidos e significações (OLIVEIRA; DAOLIO, 2007; URIARTE, 2012). A essa imersão pensa-se em uma revolução conceitual da própria área da etnografia e da antropologia.

A antropologia vai deixando de ser aquela ciência que apenas coleta curiosidades de povos exóticos para ser a área que procura compreender os homens nas suas particularidades culturais; o homem deixa de ser classificado como inferior, primitivo ou selvagem, para ser um homem culturalmente diferente, com os mesmos direitos e possibilidades que qualquer outro ser humano; e a cultura deixa de ser apenas um critério material e externo ao homem para ser considerada como um processo dinâmico inerente a todos os humanos (DAOLIO, 2001, p. 29).

Para Geertz (1989, p. 35), “os estudos constroem-se sobre outros estudos, não no sentido de que retomam onde outros deixaram, mas no sentido de que, mais bem informados e mais bem conceitualizados, eles mergulham mais profundamente nas mesmas coisas”.

Assim como na fenomenologia, a etnografia sofre com definições pautadas em uma ou mais características, por vezes até reducionista. Urpi Montoya Uriarte (2012) na busca pela melhor definição e compreensão do conceito de etnografia, como base epistemológica usa-se de Peirano (2008)

[...] ela não é apenas uma metodologia ou uma prática de pesquisa, “mas a própria teoria vivida [...] No fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados.” (PEIRANO, 2008, p. 3).

[...] descrição cultural, ou então, de um conjunto de técnicas que, aplicadas numa pesquisa qualitativa, permite mapear o cotidiano cultural de determinado grupo” (OLIVEIRA; DAOLIO, 2007, p. 138).

Em primeiro lugar, a autora nos encaminha a pensar que nem todos podemos ser etnógrafos. Em segundo, que “nem todos podem ser etnógrafos porque para mergulhar é preciso não apenas saber mergulhar, mas também gostar de mergulhar. É imprescindível uma vocação pelo “desenraizamento crônico”, isto é, pelo “não se sentir em casa em lugar nenhum” (URIARTE, 2012, p. 2)

Termos como desenraizamento crônico, “ser afetado”, desestabilizar, inquietar, são comuns ao tentarmos entendermos o método de etnografia, o qual se torna mais conhecido que a própria disciplina antropológica.

Esse “modo de acercamento” ou “mergulho” tem suas fases. A primeira delas é um mergulho na teoria, informações e interpretações já feitas sobre a temática e a população específica que queremos estudar. A segunda fase consiste num longo tempo vivendo entre os “nativos” (rurais, urbanos, modernos ou tradicionais); esta fase se conhece como “trabalho de campo”. A terceira fase consiste na escrita, que se faz de volta para a casa. Nas linhas seguintes, falaremos sobre cada uma destas três fases (URIARTE, 2012, p. 5).

A etnografia é um ramo da antropologia que surge no final do século XIX para uma possível visão mais holística dos modos de vida das pessoas. Para Mattos (2011), a etnografia pode estar entre outros termos e concepções, como as descritas por ele, observação participante, pesquisa interpretativa, pesquisa hermenêutica, dentre outras. Compreende o estudo, pela observação direta e por um período, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas: um grupo de pessoas associadas de alguma maneira, uma unidade social representativa para estudo, seja ela formada por poucos ou muitos elementos (MATTOS, 2011, p. 51).

Que fazer etnografia não é tarefa fácil, isso é sabido por todos e especialmente aos que se debruçam nesse campo teórico. Para Clifford Geertz (1989), trata-se de uma descrição densa do objeto de pesquisa, exige do pesquisador o domínio de uma multiplicidade de estruturas conceituais e complexas.

Oliveira e Daolio (2007) reforçam que não podemos utilizá-la apenas como método, protocolo ou um conjunto de técnicas. Cardoso de Oliveira (1998) nos convida a olhar para três atos cognitivos: o olhar, o ouvir e o escrever.

## ETNOGRAFIA E EDUCAÇÃO FÍSICA

O trabalho de Cõnsoli, Carneiro e Ferreira Neto (2019) questionam como se constituem as pesquisas etnográficas no campo da Educação Física. Os autores ocupam-se em realizar um levantamento de dados dos anos 2003 a 2018 encontrando a partir dos anos 2012 até 2017 seus maiores índices.

Nota-se uma utilização de pesquisas etnográficas para a descrição de cotidianos. Pacheco, Silveira e Stigger (2020) buscaram em levantamento bibliográfico 138 trabalhos, sendo 101 dissertações e 37 teses de 2013 a 2017. Esse quantitativo corrobora ao que Oliveira e Daolio (2007) também sinalizam, um aumento dessa abordagem teórica. Entretanto, muitas dessas pesquisas tomam a etnografia como um “rotulo metodológico” (MAGNANI, 2001).

Pacheco, Silveira e Stigger (2020) apresentam duas experiências etnográficas, ambas com o elemento esporte, mas conduzidas por caminhos e processos analíticos diferentes. Uma pesquisa se dá em uma equipe de mulheres jogadoras de voleibol máster e outra na produção de talentos esportivos/alto rendimento/políticas públicas.

Resumidamente, ambas as pesquisas se debruçaram a olhar para as diferentes possibilidades de análise. No primeiro estudo as pesquisadoras iniciaram a investigação a partir de temáticas de envelhecimento e esporte. Ao decorrer dos meses as pesquisadoras percebem a necessidade de compreender as relações extra treino dessas mulheres, compreendendo suas relações de lazer e fora das quadras. O diário de campo foi a ferramenta crucial nesse processo, pois como afirmou Cardoso de Oliveira (2006) é onde se estabelecem as relações sobre as problematizações do “olhar etnográfico, ouvir e escrever” (PACHECO; SILVEIRA; STIGGER, 2020).

Nesse fazer etnográfico, os diários de campo e as reflexões foram, aos poucos, deixando de pautar as regularidades, as ‘visões de mundo’ compartilhadas em um contexto e a circunscrição de espaços. A observação deslocou-se por diferentes tempos e locais, pois o talento parecia estar em

circulação e movimentar-se no tempo, conectando, nesse sentido, uma ideia de passado, presente e futuro (p. 8).

Na segunda pesquisa foi observado inicialmente para a ideia de “talento esportivo”. As pesquisadoras olham para autores como Bruna Latur, que vão permitir a compreensão do conceito. Durante esse processo passam a conviver com três áreas de alto rendimento e percebem que as análises e observações seriam necessárias se aproximarem dos processos governamentais (PACHECO; SILVEIRA; STIGGER, 2020).

Em sequência as análises elaboradas pelos autores aparecem mais dois trabalhos que foram desenvolvidos a partir da etnografia. As pesquisadoras buscam compreender como um grupo de mulheres, jogadoras de futsal em momentos de lazer foram motivadas a compreender e a aderir a um esporte socialmente considerado masculino. Foram identificados três pontos fundamentais para a associação dessas mulheres: o esporte, a homossexualidade e a amizade. Essas categorias de análise foram elencadas a partir da intensidade, relevância e da regularidade.

Por fim, os autores relatam a experiência referente a ciência da Educação Física. Pautadas nos pressupostos teóricos de Bruno Latur as pesquisadoras olharam para o “momento certo” para se começar um estudo sobre ciência. Para isso, decidiram seguir cientistas no seu cotidiano. Foram acompanhados dois grupos de pesquisa de Educação Física brasileira. As perguntas que guiaram as observações estavam na direção de compreender o que mantinha/mantêm as ciências que acompanhávamos; que elementos eram/são associados e, por exemplo, quais controvérsias estavam/estão em debates.

No que essas pesquisas se assemelham, na indissociabilidade entre o objeto, a teoria, a maneira do olhar, ouvir e escrever. Nesse processo de análise dessas pesquisas foi possível perceber a produção e os caminhos teórico e metodológicos assumidos. Para Geertz (1989), o que define a etnografia é o esforço intelectual de realizar uma interpretação que se aproxime de um entendimento da realidade estudada (MOURA; SOARES, 2017, p. 690). “A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa” (GEERTZ, 1989, p. 20).

Oliveira e Daolio (2007) se propõem a realizar uma releitura, combatendo a crítica reducionista e apresentando com base teórica e levantamento bibliográfico que confirmam que a etnografia na Educação Física não se limita a uma descrição cultural, tão pouco a um método de coletar dados. Os autores apresentam elementos que estão sendo entendidos, no campo das pesquisas etnográficas como óbvias. Essa obviedade falsa é fruto de uma ideia de possibilidade de reduzir a etnografia a um método ou sequência de métodos. Entendemos que a etnografia é uma rica forma de abordagem epistemológica e não protocolos desconexos e descontextualizados.

Para um estudo ser dado como estudo etnográfico é necessário que os pesquisadores se utilizem de técnicas, instrumentos ou métodos a fim de buscar o melhor caminho a realizar o relato etnográfico (OLIVEIRA; DAOLIO, 2007), ou seja, “a observação participante, a entrevista intensiva e a análise documental”. É a abordagem no tratamento dos dados, interpretação e relacionamento que caracterizam uma pesquisa como etnográfica. É todo um processo.

Oliveira e Daolio (2007), Molina Neto (2005) e Magnani (2001) reforçam a importância de não reduzir a abordagem. Para os autores não é apenas um sinônimo de termos como observação participante, pesquisa-ação. Esses termos descontextualizados levam a um possível rotulo da epistemologia da etnografia.

Nas análises de Oliveira e Daolio (2007), os autores entendem que muitos trabalhos apesar de se descreverem como pesquisas com abordagem etnográfica, apenas se esforçam em realizar amplos levantamentos de dados, boas descrições e pouca articulação nem com o cotidiano pesquisado, nem com as discussões teóricas. Ao olharmos por exemplo para a fenomenologia, a qual não busca explicar o fenômeno, mas descrevê-lo, sem buscar as relações causais (MARTINS, BOEMER; FERRAZ, 1990). Já na etnografia a preocupação ou o objetivo se volta para a descrição (descrição densa), interpretação e representações que aquele determinado grupo e sujeitos dão aquela experiência.

Para a área da Educação Física, como a etnografia se tornou uma abordagem da “moda”, os autores Oliveira e Daolio salientam para alguns cuidados. Lógico que essa adesão pelo método não se dá apenas porque há um modismo, mas porque por muito tempo as pesquisas nessas áreas se agarravam a ciência pautada no positivismo e sofria com suas incompletudes, quando de tentar explicar questões sempre pela lógica clássica, muitas vezes não avançando em interpretações mais profundas, as quais precisariam de subsídios como a cultura, o contexto, os signos e significados para fazer sentido epistemológico.

Voltando aos cuidados, os autores sinalizam para a utilização de conceitos como de André (1995) a qual propõe o termo “pesquisa do tipo etnográfica”, levando a um entendimento que apenas antropólogos poderiam de fato realizar uma etnografia, cabendo aos demais pesquisadores apenas almejar.

[...] aventurar-se pelo estudo etnográfico significa penetrar num determinado universo sócio-cultural na busca de decifrar “estranhos” códigos, ler entrelinhas, perceber comportamentos, “pescar” discursos e falas, interpretar significados, enfim, filtrar o dito e o não dito pelos atores sociais no que se refere à problemática de algum estudo. (OLIVEIRA; DAOLIO, p. 141, 2007).

A partir de Geertz (1989), os autores Oliveira e Daolio (2007) listam quatro pontos especiais ao tratar da descrição densa, pontos esses também abordados e apresentados por Uriarte (2012):

(1) a etnografia é interpretativa; (2) o que ela interpreta é o fluxo do discurso social; (3) a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis e; (4) ela é microscópica (GEERTZ apud OLIVEIRA; DAOLIO, p. 141, 2007).

Para Geertz (1997), essas características que vão, em articulação, possibilitar a interpretação de significados. Também estão em consonância com “especificidade complexa” ou “circunstancialidade”

É justamente com essa espécie de material produzido por um trabalho de campo altamente participante e realizado em contextos “confinados”, que os “megaconceitos” podem adquirir toda a espécie de atualidade sensível que

possibilita pensar não apenas, realista e concretamente, sobre os participantes da pesquisa, mas, criativa e imaginativamente, com eles (OLIVEIRA; SAOLIO, 200, p. 141).

Os autores vão tecendo outras relações necessárias ao pensarmos na etnografia. Um desses pontos são a ligação entre teoria e cotidiano, tratando a teoria como uma ferramenta para fornecer o vocabulário para a interpretação cultural (OLIVEIRA; DAOLIO, 2007). Para Oliveira e Daolio (2007), sempre vamos alcançar análises grosseiras e simplificadas da realidade, o que para Geertz (1989) são entendidas como de “segunda mão”.

## CONCLUSÃO

Há consenso entre os autores que a fenomenologia e a etnografia são abordagens que olham e se inserem a partir da cultura. Também, entendemos que as contribuições para a Educação Física são visíveis. Para nós, o encontro entre o Eu e o Outro é o que nos levará a testemunhar uma outra humanidade. Todo professor desejoso de pesquisar a própria prática e o universo que está inserido pode vir a ter “um espírito etnográfico”. É preciso ter o que Uriarte (2012) chamou de desenraizamento. Não esqueçamos aqui que nem todo mundo pode ser um etnógrafo, para isso é preciso uma preparação teórica para compreender o mundo, entender que o “eu” não é o “outro”.

Outro ponto crucial são os diários de campo. Alguns podem dizer, mas como um professor se torna um pesquisador a partir de uma abordagem etnográfica? Primeiramente, pelo mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses Outros, que queremos compreender e apreender. As pesquisas aqui abordadas sinalizam para um olhar social da compreensão dos fenômenos. Autores como Boaventura de Sousa Santos (1988) fazem um movimento de estabelecer um novo paradigma de ciência, pós abissal e que considere saberes alternativos. Senso assim, precisamos de uma ciência que atenda a nossa sociedade atual, que considere as múltiplas dimensões e que se afaste da racionalidade metódica por si mesma.

## CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

## FINANCIAMENTO

Este estudo não teve apoio financeiro.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, L. *Ideologia e aparelhos ideológicos de estado*. 3. ed. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1980. p. 9.
- ANDRÉ, M. E. D. A. *Etnografia da prática escolar*. Campinas: Papirus, 1995.
- BATISTA, G. A. Filosofia, ciência e educação no pensamento de Francis Bacon. *Educação Unisinos*, v. 19, n. 1, p. 101-13, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4496/449644339011.pdf>
- BICUDO, M. A. V. A contribuição da fenomenologia à educação. In: BICUDO, M. A. V.; CAPPELLETTI, I. F. (Org.). *Fenomenologia: uma visão abrangente da Educação*. São Paulo: Olho d'Água, 1999. p. 11-55.
- BICUDO, M. A. V. Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica. In: BICUDO, M. A. (Org.). *Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2011, p. 29-40. Disponível em: [http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS\\_DE](http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS_DE)

- LIVROS/Aspectos%20da%20pesquisa%20qualitativa%20efetuada.pdf Acesso em: 20/12/2022.
- BICUDO, M. A. V. *Filosofia da educação matemática: fenomenologia, concepções, possibilidades didático-pedagógicas*. São Paulo: UNESP, 2010.
- BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa: segundo uma visão fenomenológica*. São Paulo: Cortez, 2001.
- BICUDO, M. A. V. Sobre a fenomenologia. In: BICUDO, M. A. V. *Pesquisa fenomenológica em educação: possibilidades e desafios*. *Revista Paradigma*, v. 41, (Edição Cuadragésimo Aniversário: 1980-2020), p. 30-57, 2020. DOI: <http://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2020.p30-56.id928>
- BICUDO, M. A. V.; ESPOSITO, V. H. C. (Orgs.). *Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 15-22.
- BICUDO, M. A. V.; PAULO, R. M. Um exercício filosófico sobre a pesquisa em educação matemática no Brasil. *Boletim de Educação Matemática*, v. 25, p. 251-298, 2011. Disponível em: <http://mariabicudo.com.br/resources/ARTIGOS/Um%20exercicio%20filosofico%20sobre%20a%20pesquisa.pdf> Acesso em: 20/12/2022.
- BOGDAN, R; BIKLEN, S. *Qualitative research for education: An introduction to theories and methods*. Boston: Allyn e Bacon, 2006.
- BRAGA, M.; GUERRA, A.; REIS, J. C. Um novo olhar para a natureza. In: CARMO, P. S. (Org.). *Breve história da ciência moderna*. Merleau-Ponty: Uma Introdução. São Paulo: EDUC, 2004. Série Trilhas.
- CÔNSOLI, D. de A.; CARNEIRO, F. F. B.; FERREIRA NETO, A. As pesquisas etnográficas na área educação física. In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e VIII Congresso Internacional de Ciências do Esporte. *Anais...* Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte/CBCE, 2019. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2019/8conice/>
- CRESWELL, J. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DE ALMEIDA, F. Q.; BRACHT, V.; FERREIRA GHIDETTI, F. A presença da fenomenologia na educação física brasileira: implicações para o estudo do corpo e outras problematizações. *Educación Física y Ciencia*, v. 15, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.ar/pdf/efyc/v15n2/v15n2a01.pdf> Acesso em: 20/12/2022.
- DETONI, A. R. *Investigações acerca do espaço como um modo de existência e da geometria que ocorre no pré-reflexivo*. 2002. 275f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2000. Disponível em: [http://www.mariabicudo.com.br/resources/RESUMOS\\_T\\_e\\_D/r17.pdf](http://www.mariabicudo.com.br/resources/RESUMOS_T_e_D/r17.pdf)
- FENSTERSEIFER, P. E. *A educação física na crise da modernidade*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- FOLLE, A.; BOSCATTO, J. D.; BIANCHI, P. Educação física e fenomenologia: aproximações e distanciamentos. *Lecturas: Educación Física y Deportes*, Revista Digital, Buenos Aires, v. 12, n. 116, 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd116/educacao-fisica-e-fenomenologia.htm>
- FRANCO, M. A.; MENDES, M. I. B. de S. Fenomenologia e educação física: uma revisão dos conceitos de corpo e motricidade. *Motrivivência*, v. 27, n. 45, p. 209-18, 2015. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p209>
- GEERTZ, C. A *interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GEERTZ, C. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HILDEBRANDT, R. *Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física*. Ijuí: Unijuí, 2001.
- HUSSERL, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. Lisboa: Luso-Sofia, 2008.
- HUSSERL, E. *Investigações lógicas: sexta investigação - elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento*. São Paulo: Nova cultural, 1988.
- KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. 5. ed. Ijuí: Unijuí, 2003.
- MAGNANI, J. G. C. Antropologia e educação física. In: CARVALHO, Y. M.; RUBIO K. (Orgs.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, 2001. p. 17-26. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/barbaqua/issue/download/233/225>
- MAIA, M. F. G.; ROCHA, J. D. T. A fenomenologia na pesquisa em educação: um olhar sobre a etnometodologia e a etnopesquisa crítica. *Atos de Pesquisa em Educação*, v. 11, n. 3, p. 718-36 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2016v11n3p718-736>
- MARICONDA, P. R. Galileu e a ciência moderna. *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, v. 9, n. 16, 2006, p. 267-92. Disponível em [http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed16/16\\_2\\_galileu\\_e\\_a\\_ciencia\\_moderna.pdf](http://www.uesc.br/revistas/especiarias/ed16/16_2_galileu_e_a_ciencia_moderna.pdf) Acesso em: 20/12/2022.
- MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, C. L. G.; CASTRO, P. A. de. (Orgs.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- MOLINA NETO, V. Etnografia (verbetes). In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Orgs.). *Dicionário crítico de educação física*. Ijuí: UNIJUÍ, 2005. p. 183-85.
- MOLINA NETO, V. Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da educação física. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑO, A. N. S. (Orgs.). *A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 113-45.
- MONDINI, F.; PAULO, R. M.; MOCROSKY, L. F. As contribuições da fenomenologia à Educação. In: V Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos. *Anais...* Foz do Iguaçu: SE&PQ/Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2018. Disponível em: <https://sepq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/98629980087/11> Acesso em: 20/12/2022.
- MOREIRA, D. *O método fenomenológico na pesquisa*. São Paulo: Thomson, 2002.
- MOREIRA, W. W. *Educação física escolar: uma abordagem fenomenológica*. 1990. 162f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.
- MOURA, D. L. M.; SOARES, A. J. G. Cultura e educação física: uma análise etnográfica de duas propostas pedagógicas. *Movimento*, v. 20, n. 2, p. 687-709, 2014. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.40533>
- OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Pesquisa etnográfica em educação física: uma (re)leitura possível. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, v. 15, n. 1, p. 137-43, 2007. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/740>
- PACHECO, A. C.; SILVEIRA, R. da; STIGGER, M. P. Etnografias: notas sobre percursos teórico-metodológicos de produção de conhecimento na educação física. *Motrivivência*, v. 32, n. 61, p. 1-15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e61637>
- PEIXOTO, A. J. Fenomenologia, ética e educação: uma análise a partir do pensamento de Husserl. *Revista Fragmentos de Cultura*, v. 21, n. 7/9, p. 489-503, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635482/3275>
- SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. *Estudos Avançados*, v. 2, n. 2, p. 46-71, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>
- SOUSA, J. M. Um olhar etnográfico sobre o currículo. *Revista Práxis Educacional*, v. 13, n. 25, p. 18-35, 2017. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/952>
- SURDI, A. C.; KUNZ, E. Fenomenologia, movimento humano e a educação física. *Movimento*, v. 16, n. 4, p. 263-90, 2010. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.16075>
- TOURINHO, C. D. C. Fenomenologia e ciências humanas: a crítica de Husserl ao positivismo. *Revista de Filosofia Aurora*, v. 22, n. 31, p. 379-89, 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/2497>

## E-MAIL DOS AUTORES

**Daiana Machado (Autor Correspondente)**

✉ daiana-agape@hotmail.com

**Thiago Villa Lobos Mantovani**

✉ thiagovlm@hotmail.com

**Isabel Filgueiras**

✉ belfilgueiras@uol.com.br

**Elisabete dos Santos Freire**

✉ elisabetefreire@uol.com.br